

... DE UM
PROJETO
E DE UMA
SUBIDA
E OUTROS
TEXTOS

Doriel Veloso Gouveia

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade da diagramação desta obra. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

Em tempo: Caso você queira ficar com um impresso desta obra, em sua biblioteca, visite o site www.dorielvelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

Todos os direitos cedidos pelo autor ao Projeto Subindo o Monte.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais - EDA - da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ, sob o nº

Dedicatórias

**A todo aquele que, diante de uma
oportunidade, somente consentiu conquistá-la,
porque não seria um sacrifício para si nem para o próximo.**

**Aos dignos pensadores de todos os tempos,
o agradecimento pela luz alcançada e pela seta
que representam; sem eles, a caminhada teria
ponto inicial de partida no meio de densas trevas.**

**Aos amigos - verdadeiramente
aqueles que não impõem sacrifícios.**

**Aos meus irmãos Douglas, Suely e Lígia, Vilma e Milton,
estes dois últimos *in memoriam***

***Aos meus íntimos: minha esposa Maristela,
meus filhos Doriel, Doriella e Diara,
minha nora Patrícia,
meus netos Miguel, Paloma, Pedro e Lucas
e, também, aos meus pais Milton e Adelita,
in memoriam.***

SUMÁRIO

- 01 - de um projeto e de uma subida.....pág. 9**
- 02 - Infinito eterno eterno infinito, sem existência.....pág. 11**
- 03 - Porque assim ele quer.....pág. 13**
- 04 - Com EME ou eme, pouco importa.....pág. 15**
- 05 - Não é mesmo, J.?.....pág. 17**
- 06 - Momentos, momentos.....pág. 19**
- 07 - Aparente?.....pág. 21**
- 08 - Dieu est dans les details ou le diable est dans les details?.....pág. 23**
- 09 - Evidente distorção.....pág. 25**
- 10 - Cegos.....pág. 27**
- 11 - A via e o Eu.....pág. 31**
- 12 - Por tanto amar.....pág. 33**

13 - Coisa de menino, providência do divino.....pág. 37

14 - A traição de Judas Iscariotes por fidelidade(?) a um pedido do próprio Jesus.....pág. 39

15 - Não há dia certo, nem hora, ante infinito e eterno.....pág. 41

16 - Sempre em espírito.....pág. 43

17 - Num Reino que se não finda jamais.....pág. 45

01.

...DE UM PROJETO E DE UMA SUBIDA *(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Esforços vãos e esforços nos vãos, qual destes se me afigura certo, em cada obra, por mim providenciada, sem contar o prazer em si de escrever, concatenar ideias e, no final, ter o texto que expresse algo? Nada dessas situações; nem a do que seja vão nem a do que seja nos vãos. Pois o que se materializa como matéria se perpetua, na forma que aprontei, porém mãos outras podem lhe dar forma ou formas com fôrmas outras; tudo lhe pode acontecer como vãos ou nos vãos em que se possa se meter. Eu mesmo não sei por onde andam os meus escritos. Só sei que eles existem e, em algum lugar, cada um deles deve estar; cobertos de poeira, esquecidos, numa prateleira qualquer, ou mesmo já sentenciados a alguma lata de lixo. Nesta, contudo, ainda pode ser salvo, quem sabe?; até pelas mãos de um gari podem lhe ser lançados olhos em espírito, de espírito, por espírito. E, então, a vocação para o que se lhe destinou e ele mesmo em si, com sua singular autonomia, que vivem a berrar a ouvidos de espírito, em espírito, por espírito, possam facilitar esses salvadores encontros. A propósito, terríveis, destarte, eles me fazem parecer a alguns, que ficam a dizer, eu bem o sei que assim o dizem: “é astúcia, puríssima astúcia”. E é, pois, mal comparando, é como diz a palavra de Jesus no tirar proveito até de injustiças: “Granjeai amigos com a riqueza das injustiças” (vide Lucas, Capítulo 19, versículo 6). No meu caso, como no da palavra santa, não tiro proveito de nada, para mim, para este mim de minha carne essencial do viver como sendo este a única possibilidade de estar no mundo; e o cenário, para isso, não abriga um mínimo sequer de injustiça. Simplesmente preferi não me ajustar a um sistema, que não é de hoje, e que, desde quando se passou a ter a produção em série de um livro, com a invenção de Guttemberg, o tal do contrato de edição começou a encontrar lugar na prática de negar o ócio dos negócios dos homens, todos os dias. Alguém, que autor não é, encontrou, no capital de quem tem prensas, as pressas naturais de avolumar-se propriamente ele e a obra como reboque seu. Nada então resulta atrelado a um sentido finalístico da própria obra, no que resulte a eficácia do que se esteja querendo dizer enfim. Daí que as prateleiras andam cheias: nas casas, nas bibliotecas, nas livrarias, estão lá; são essenciais, para o sistema; que lá estejam, pois este precisa se manter como sistema. Diferente disso, porém, sem proveito pessoal nenhum, apenas o intuito da eficácia da palavra, no “já feito” crístico, vejo-me não como o perpetuado, mas perpetuada a palavra eficaz, a palavra de resultado; resultado valioso para os que têm fome (de todo o tipo de fome), resultado valioso para os que têm sede (de todo o tipo de sede), resultado valioso para os que estão doentes (de todo o tipo de doença), resultado valioso para os que estão nus (de todo o tipo de nudez), resultado valioso para os que estão presos (de todo o tipo de prisão). De uma forma ou de outra, a fôrma vai se ajustando ao essencial crístico; se não penetra a sua essência, vai permitindo que os necessitados de toda a ordem possam contar ainda que seja com a migalha de um ato de doar da parte de quem suas mãos foram ponto de passagem de um livro de minha produção literal benfazeja em profunda raiz. Começando pela vítrea e, portanto, translúcida, sem olvidar a condição presente e constante, a partir de um *site* (www.dorielvelosogouveia.com.br), faço, de cada impresso obtido a partir de arquivo constante

do tal endereço eletrônico, o elemento de propulsão desejada, sem ser nunca vão nem muito menos num vão; pode ser que se o tornem assim por malditas e contrárias vontades, mesmo que fadadas a não prosperarem no final das contas; o mal é contrário ao bem, mas o bem é o bem, sem admitir contrário algum. Logo, tranquilizo-me quanto a não serem vãos nem ocupantes de vãos espaços esses modestos escritos meus. Deles, eu só sei que existem, que têm um endereço eletrônico certo, sendo bastante que se o digite corretamente (www.dorielvelosogouveia.com.br), mas o material, o impresso, submeto-o a um novel e exclusivo sistema de distribuição, atrelado ao poder saber de sua essência, ou não, contudo, no desapego impulsionador do desejo de repassá-lo a outrem, e a outrem, e a outrem, e a outrem. Pois exatamente isso me dá a incerteza sobre em quais mãos estão retidos e mirados por olhos de carne, e no afã de que a vontade do divino penetre e produza o efeito divino do conhecer sem ilusões da ordem do peso de um mundo de ciladas e de incertezas que, como pessoas, o representamos.

02.

INFINITO ETERNO ETERNO INFINITO, SEM *EX-ISTÊNCIA*

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Infinito eterno eterno infinito, vejo-os, com olhos de espírito, num vejo aparente de presente, de tempo que assim o é, presente de um agora, só que um agora sem fim e de sempre, assim central, assim estático, assim essencial, como Deus, que nunca foi nem é nem será por expressar Espírito. Deus Espírito, sem necessidade de o ser assim, Espírito, que nunca precisa ser, senão acidentalmente. Acidentalmente? Sim, o centro-estático-essencial, Deus, assim não é, e Ele, como Espírito, portanto sem manifestação, algo que se não vê, que se não pega, que se não pesa, em centro-estático-essencial, em infinidade e em eternidade, espiritualiza entidades, anjos, arcanjos, serafins, constituindo, destarte, o celestial estado da tal espiritualidade. Mas, em mistério nunca distante de amor, como Deus também o é, sem sê-lo, senão acidentalmente, Lúcifer se fazia, porque solto, tomado de estranha vontade, sua, querendo mesmo igualar-se a Deus (Ezequiel, Capítulo 28, versículos 17 e 18). Ele Lúcifer, que, em celeste esfera, de espiritualidade, não se compara com Deus-Espírito, mas se fazia importante na dita esfera, que ainda conta com os anjos, arcanjos e serafins, e, então, Miguel, arcanjo, mais que arcanjo, porque propriamente Cristo, em categoria de Filho Unigênito de Deus, entrou numa guerra contra Lúcifer e entidades que o acompanhavam, e os venceu (Apocalipse, Capítulo 12, versículo 7). Veio, em consequência, o princípio. Deus, amor, processou a *ex-istência*, o universo, o mundo, e, por ser amor, não cabia que tripudiasse sobre o anjo perdedor; antes, com sua Epifania, consentiu, segundo Apocalipse, Capítulo 12, versículo 9, parte final e Isaías, Capítulo 14, versículos 12 a 15, que Lúcifer fosse precipitado na Terra do mundo criado pela palavra - *Fiat Lux* -, poder poderoso de centro-estático-essencial, dando lugar a este mundo periférico-dinâmico-acidental. Aquele Lúcifer então se transformou em serpente-falante, como disfarce, no Paraíso, e enganou a Eva e a Adão, provocando a desobediência do não-amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento, mas um Adão, tempos depois, provou a forma eficaz desse amor, por vontade de Deus, de modo a se tornar um obediente que, por isso, pôde ferir a cabeça da serpente e a mantém presa até que se consumam os séculos. Este que a mantém presa é Filho Unigênito de Deus, Deus que, centro-estático-essencial, mediante poder de palavra, criou o mundo, por um querer simples, divino, e o Filho, como assim as entidades, anjos, arcanjos, serafins, não-criados, têm, naquele, a condição primogênita e que também se conhece por Miguel, arcanjo, ambos, no princípio, com a criação, tal como no ainda não-princípio, sem criação, mantêm-se infinitos e eternos, pois, se se fala em infinito e em eterno, é porque estes permanecem, jamais sendo subjugados a ontens, a hojes ou a amanhã. Pois bem, o Eu, em Adão e em Eva, não morreu a morte das ilusões do mundo, como morridos, para tanto, não são nem foram os que, de hoje, de ontem e de amanhã, somos vivos da vida, da abundante vida. Apenas o Eu residido no Nazareno, por vontade divina, morreu a morte daquelas ilusões e pôde, destarte, prender, pelo rabo (desculpem a ênfase), a sataná, assim mesmo com letra inicial minúscula, de figura

presa, mas presa apenas para o Eu residido no Nazareno. Para o Eu nos outros, inclusive para o de quem aqui agora tecla neste *tablet*, estamos todos, inapelavelmente, na carne, nos músculos, nos nervos, nos ossos, que, frágeis, guardam, entretanto, o tal Eu ainda sofrido das influências dessa carne, desses músculos, desses nervos, desses ossos e, destarte, no aguardo de que a divina vontade os liberte. Não duvidar, pois, nós, Adãos e Evas, vivendo no derredor do paraíso de onde expulsos os primeiros pais, somos, *ex-istimos* como carne, como músculos, como nervos, como ossos, todavia, neles, reside o Eu em somatório que é eterno e infinito tal qual o formato assim grafado: D-Eus. O Filho Unigênito, não-criado, como não-criados os anjos, os arcanjos e os serafins, no Céu, e o Eu em cada um de nós, homens e mulheres, na Terra, inclusive no telúrico Nazareno, como nele morreu o Eu nele residente, é preciso que, nas suas pegadas, permita Deus, a cada um de nós, que o Eu em nós encontre o que ficou profetizado em Ezequiel, Capítulo 37, versículos 1 a 10 (leiam!), ali exibida a realidade de mundo, de carne, de músculos, de nervos e de ossos, residência de Eu, que, só mesmo por vontade divina, se pode livrar das amarras dessa mesma carne, desses mesmos músculos, desses mesmos nervos, desses mesmos ossos, onde, neles, que são mundo, continua a residir o maligno, aquele anjo do mal, assim como muito bem afirmado na 1ª Epístola de João, Capítulo 5, versículo 19, parte final (leiam!). Ah, como é mesmo de arrepiar esse poço do mal o episódio narrado por Ezequiel, no Capítulo 37, versículos 1 a 10, nesse agora de sempre crístico, de Reino que se não finda, livre dos limites de profética visão, como a do versículo 11 do dito Capítulo de Ezequiel, episódio aquele, pois, onde só mesmo o poder e o querer divinos brincam com essa realidade frágil, já morta, e a faz viva, com ossos revestidos novamente de carne, de músculos e de nervos, porém refletindo o poder maior, o do Espírito, este, sim, eterno infinito infinito eterno, sem necessidade de se dizer que Deus é, pois, como Espírito, não pode ser e sim infinito eterno eterno infinito, sem *ex-istência*.

03.

PORQUE ASSIM ELE QUER

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Esta carne, estes músculos, estes nervos, estes ossos, este conjunto que me forma como homem (de húmus, humildade) não o animará, para sempre, o Espírito de Deus; de 120 anos não passa (Gênesis, 6,3). É-se feliz na soma dos anos, de infante a ancião, e sempre é motivo de gáudio saber-se vencedor de escala de tempo, dentro desse espaço fixado. A vida que brota é a mesma qual a de quem, ancião, conta tantos e tantos anos de vivo. Esse vivo é que é diferente, não a vida que é nele. O vivo tanto pode ser de idade tenra como de idade avançada. A vida não morre senão no fim, em cenário escatológico. E o vivo, esse é que está preso nessa escala de tempo que não ultrapassa os 120 anos. Ver-se amadurecido, como o mim que ora tecla neste *tablet*, ciente e consciente de um crédito, sim, em maio, dia 21, passo a descontar, deste dia em diante, a faixa de tempo de 45 anos a serem vividos, sabe-se lá durante quantos daqueles possa ser vivo, o vivo de mais de setenta e cinco anos! Como vivo, faço fé que possa gozar desse tempo de crédito que me é como é a todos indistintamente assegurado: 120 anos! Desse aparente conforto e consolo, todavia, não digo que vou me dispensar, pois é preciso ser para não-ser com outros que possam intuir, comigo, quanto à cruel sentença de Gênesis que trata da verdade provisória do meu ser. Vai se achar esta verdade provisória, com certeza, inundada de Luz, e o Eu no mim (mim de carne, de músculos, de nervos e de ossos), como o Eu no teu ti (também de carne, de músculos, de nervos e de ossos), prezado leitor, prezadíssima leitora, com o Espírito de Deus, vive aquela Luz, pois, por vontade Dele, amamos como o Cristo nos ama, nesse agora de sempre crístico, de um Reino que se não finda, razão por que... esquece, larga-te tu, larguemo-nos nós de demoradas incursões em crédito de tempo, pois eterno e infinito o és, eternos e infinitos os somos, em Espírito, com Deus, porque assim ele quer.

04.

Com EME ou eme, pouco importa

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O por que de respeito (?), de tanto respeito para com ele, pois este pronome ele, que lhe substitui o nome, nome horrendo, grafo-o assim, minúsculo, embora sabendo-o em mim, inevitavelmente, como um desígnio de amor, de Deus, não deliberado, proposital, mas decorrência puríssima do Seu amor, amor, amor, este tantas vezes incompreensível amor para nós finitos de carne, de músculos, de nervos, de ossos. Pois o epistolar João, no Capítulo 5, versículo 19, parte final, de sua 1ª Epístola, grafou-o assim: Maligno! Ele em mim, no meu mim de carne, de músculos, de nervos e de ossos, que é mundo, sinto-o, atuante, constante sendo, até os fins dos tempos, na peleja que ele continua contra Deus, insistindo, como em tese barata, que o homem é dele, que ele homem o cultua, todos os dias, por estar propriamente nele, inapelavelmente, nessa dimensão em que sua arma é plenamente eficaz em ferir calcanhares. Sim, esse ferimento ele o produz sempre, todos os dias, como aqui e agora neste próprio momento em que esta carne e estes músculos e estes nervos e estes ossos de cronista, pobre cronista que o sou, aproveita um momento de reflexão, noite calma, boa música, saboroso uísque, e tempo que parece não ter fim. É tudo quanto ele gosta, e adora. Fica feliz, faz-me centrado, em paz comigo, mas uma paz medonha, eu sei, eu carne procuro dizer que sei, e peço licença a ele para dizê-lo. Sim, apesar de horrendo, o respeito é o melhor remédio para convivência com ele, pois, por um lado outro, que nem lado pode ser, o Eu em mim de carne, de músculos, de nervos, de ossos, distraio-o, e a guerra entre ele e o *crístico*, assiste-a o Eu em mim, plenamente certo de que a sua cabeça sairá ferida, inapelavelmente ferida, desculpe, pois o meu mim está nesse ferimento, não quero, não posso ser melhor do que ninguém. Ninguém? Ora, ele mesmo é a vítima do ferimento, não somente o meu mim, pois o ninguém, também! Eita, que febre de ser me atinge e me devora o ser, a carne, os músculos, os nervos e os ossos, mas o Eu, com o *crístico*, torna poder poderoso de não-ser com Deus, como D em Eus maravilhados de quem pode ferir cabeça de quem tenha M ou m, E ou e, maiúsculos ou minúsculos, respectivamente, no nome e no tratamento pronominal, pouco importa.

05.

NÃO É MESMO, J.?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

J., não são os teus olhos de carne, mormente por te entronizares, como F., que te fazem institucionalizado em dominância para um que chamas de rebanho, como se fossem todos ovelhas, portanto obedientes - aquela velha e repetida questão de “dominante e dominados”, não são os teus olhos de carne, J. - repito aqui como aquele que simplesmente observa e escreve - não são os teus olhos de carne, J., que veem. O ver, nesse caso do cego de nascença, narrado em João, Capítulo 9 (leiam!), não é um ver físico, como física não é a lama descrita e utilizada para um dito milagre, pois os olhos de espírito jamais se fazem reféns de lama alguma; apenas os exigentes olhos de carne (os meus os são e os teus também, por que não?) ficam nesse compasso de espera e de dúvida e de competição quanto a que eles mesmos possam ver o que visto jamais pode ser como fenômeno físico, como não é o ver de espírito! Então, quem olhos tiver, veja, mas com esses mesmos olhos transformados em olhos de espírito, por divinas vontade e graça! Não é mesmo, J.?

06.

MOMENTOS, MOMENTOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

I

**Dizer sempre requer um momento
e o momento do hoje é este;
este não se confunde com aquele,
porque aquele se encontra distante.
Eu quero é me ater ao hoje deste (momento),
o hoje deste (momento) que aponta para o Este,
o Este de uma orientação,
uma orientação que me leva
e me põe em lugar
chamado porto seguro.**

II

**Mas eu não quero um porto simplesmente,
eu quero a diversidade de cais,
eu quero aqui aportar,
acolá navegar,
navegar o rumo mais doce
de uma vida
sentida,
querida,
saudável,
amiga,
vívuda.**

III

**Sim, vívuda em vida
de vivos da vida:
consentida.**

IV

Assim se contam momentos

**sem tormentos,
olhos atentos
no sentido aprazível
de um sonho que se vive
com os pés no chão.**

V

**Eu quero este momento
no Este dos sóis
que vêm abrasar
o meu doce aconchego.
Assim te conto, oh anos,
assim te vivo, ó Crono,
e te acaricio o levíssimo passar.**

VI

**Que não passes,
ainda que nos enganos,
se planos te quero,
deixas-me só,
em momentos de delícia
que tanto quero
e que tantos planos
os segures em mim;
de momentos doces,
de doces momentos...**

07.

APARENTE?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

- Há parente aparente?
- Ah, ente, aparente, há.
 - Aparente?
- Já disse que há ente.
 - Parente?
 - Aparente.
 - E par de ente?
 - Não seriam entes?
 - Seriam entes?
- Ente ou entes em pares há.
- Há par de ente ou de entes?
 - Aparentes.
 - Eu bem sei que há ente.
- Par ou pares de ente ou de entes?
 - Que aparentes pares!
 - Que entes aparentes!
 - Parentes?
 - Par de ente.
 - Pares de entes.
 - Pares de pares.
 - Entes de entes.
 - Aparentes.
- Há?

08.

DIEU EST DANS LES DETAILS OU LE DIABLE EST DANS LES DETAILS?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ponho-me em postura intelectual, evidentemente, e indago sobre qual seja a mais certa, se a frase *Dieu est dans les details* ou se a frase *le diable est dans les details*. Confesso que, por algum tempo, atraído pela beleza da primeira frase, na forma como pintada na parede de uma loja, numa determinada cidade, aceitei, de imediato, o lado atraente por ela proposto, porém, hoje, exatamente hoje, ouvindo um entrevistado numa emissora de rádio, ele, por duas vezes, citou a segunda frase e, então, eu tive a minha atenção despertada. Ora, avaliei, logo, que o certo é que quem está nos detalhes, nos atalhos não é Deus e sim o capeta. É que quem é cheio de reentrâncias, de saliências é o enganador, ele que se travestiu de serpente, e serpente falante, vejam só, que foi, é e será o veículo do mal, até a consumação deste século, ele que é aquele mal de mistério nascido no próprio céu, por meio de um arcanjo que assistia perto de Deus, esse que assim se pinta e que é o Lúcifer. Sem detalhes, entretanto, *Dieu*, pelo seu Filho, no Eu-espírito em Jesus de Nazaré, mostrou e desafiou a Lúcifer que ele, como homem, podia e pôde, efetivamente, fazer que esse Eu-espírito amasse a Deus de todo o entendimento, de todo o coração e que amava a si próprio no tanto quanto amava a seu próximo. Com isso ele "morreu" a "morte" das ilusões do mundo, sem fugir desse mesmo mundo, encarando-o, muito pelo contrário, inclusive encarando as maldades que ações humanas (nunca divinas) lhe reservaram tão impiedosamente. Minha carne escreve o que tu lê, leitor, e como a carne de Jesus, aquele que habitou na Galiléia, como habitáculo de Eu-divino, todos, os bons, os maus, os brancos, os pretos, os de perto, os de longe, os urbanos, os rurais, os fortes, os fracos, os espertos, os preguiçosos, todos, podem ver projetado o Eu residido nessas carnes e nesses músculos e nesses nervos e nesses ossos e nesses intelectos.

09.

EVIDENTE DISTORÇÃO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Assistia eu a um filme, Ben Hur, na versão mais nova, e fiquei a refletir ante a cena em que o protagonista, depois de superar a sua vingança e o seu ódio, contra Messala, a quem considerava um irmão, mas Messala fez do que fez contra ele Ben Hur, e tudo por sede de poder, terminando por condená-lo à pena nas galés, onde ele ficou por cerca de cinco anos, salvando-se de um naufrágio, enfim, após uma batalha naval. Retomando a sua vida de pessoa livre, logo se viu preso a um comerciante que viu em Ben Hur a oportunidade de ganhar dinheiro na corrida de bigas, em Jerusalém, o que, por sua vez, casou com o interesse de ódio e de vingança do próprio Ben Hur. Nessa corrida, o propósito era competir contra Messala. E terminou competindo, e ganhou, deixando Messala ferido na pista de corrida de bigas. Depois disso, os dois se perdoaram e passaram a viver a vida como dois irmãos, como antes. Mas, o que se quer dizer de mais importante, aqui, neste texto e contexto, é que, depois de tudo quanto narrado, Ben Hur tem um encontro com Jesus, no caminho que este fora submetido a fazer para alcançar o Calvário, onde deveria morrer a bio-morte, crucificado. A certa altura do trajeto, Jesus não suporta a Cruz, e cai. Ben Hur se aproxima e, contra a ordem de um dos romanos que cumpria a sentença de morte de Jesus, na cruz, se aproximou deste e lhe ofereceu água para beber. Exatamente aqui reside o registro maior que se quer fazer. Jesus agradeceu e disse mais que não queria a água e que tudo aquilo que lhe estava acontecendo era porque ele queria, pois era vontade dele, submeter-se àquilo. Que distorção estupenda! Veja-se como o clímax que se “*indimensiona*”, no eterno e no infinito, precisamente o “*consumaram est*” do Getsêmani, o “*não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*”, veja-se - é bom que se ressalte - com os olhos de espírito, intuitivamente, “*veja-se*”, pois, quão se aconchega aos olhos de carne, evidentemente, a reação do homem Jesus, transparecendo, por fraqueza de carne, que aderiria ao projeto das artes do mundo, contrapondo-se, destarte, àquela verdadeira “*indimensão*” de Getsêmani. O “*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*” nada tem a ver com bio-morte, “*indimensiona-se*” no amor incondicional, eterno, infinito, de um esvaziamento completo do ego, para se plenificar de Deus, amando-O com uma vontade que não é de carne, mas de uma “*indimensão*” de espírito, em espírito, por espírito, amando ao Senhor Deus, com todo o coração, com toda a alma e com todo o entendimento” (Mt, 22, 37). Aquela “*indimensão*” da noite da agonia, entre gotas de sangue, no Getsêmani, era o céu de um cumprimento de obediência, diagonalmente oposto à desobediência decorrente não de um disfarce de uma serpente falante, mas do poder ser livre, do homem, no Éden. Pois foi o Eu de Adão que, livre para arbitrar, se fez influenciado pela fraqueza de uma carne, mesmo

que em estado de inocência. Mas era preciso que essa zona de liberdade existisse para o homem, mesmo que fosse essa liberdade destinada ao Eu do qual a sua carne se fazia veículo. Foi o dilema entre o “não dever comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois, se comer, morrerá” - de Deus, e o “poder comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois, se comer, não morrerá” - de Satanás. O veículo Jesus, os olhos de espírito de um Eu nele, “viveu” o clímax de amor incondicional, de todo o coração (não de uma parte desse coração), de toda a alma (não de um pedaço dela), de todo entendimento (não de uma fração dele). Em momento antes, perdendo-se, digamos assim, no limiar da “indimensão” do eterno e do infinito, como pudesse haver limiar para estes, a carne fraquejou: “*afasta de mim esse cálice*”. Antes disso, no campo de mera afirmação, a carne já assumia o Eu vitorioso, com a expressão, “*Eu e o Pai somos um*” e, sobretudo, com a outra expressão, “*No mundo tereis aflições, eu venci o mundo*”. Então, “*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*”, que vontade do Pai seria essa? A vontade de um julgamento sumário? A vontade por bofetadas? A vontade por açoites? A vontade de uma coroação espinhosa? A vontade de cravos perfurando mãos e pés, prendendo-os ao madeiro em forma de cruz? Ora, ora, Deus é amor. De sua parte, como se dele existissem partes, pois centro-essência-estático, assiste o desenrolar do mal nascido e brotado de um anjo de luz, Lúcifer, este que é dominante, no mundo, fruto do amor de Deus, que não quis sufocar quem perdeu a guerra, no Céu, contra Miguel, mas permitiu que fosse, como foi e continua, precipitado nesta Terra, em tudo quanto for terra, na porção que os homens entendam como profana, ou ainda naquela que os homens classifiquem como sagrada. Pois foi percorrendo uma Via Crucis de homens, nunca de Deus, que, na Terra, onde teluricamente se manifestava, a sua epifania de um ministério público de cerca de três anos foi alvo de uma vontade contrária à de Getsêmani, a ponto de a fraqueza dos homens encurralá-lo no sentido de vítima de um desprezo, como se enganou Isaías, em sua profecia, pois a interpretação, ligada ao lado das artimanhas de Satã, sempre conduzem a esse lado de sofrimento que ele haveria de sofrer, como se isso fosse um desígnio dos Céus. Então, até mesmo a carne de Jesus, embora num caminho de ressurreição evidente, já ao ter dito, “*Eu e o Pai somos um*”, por exemplo, fraquejava, quando, preso à Cruz, perguntou: “*Por que me abandonaste?*” E, pior, muito pior, nessa visão romanesca de Ben Hur, onde ele, carregando a cruz, assumia-se como executor de uma vontade dele, ou seja, ele não precisava da água que lhe era ofertada por Ben Hur, ou seja, da noite de agonia para o caminho de cruz, já não mais era a vontade do Pai que prevalecia, mas a sua. Que terrível quadro de fraqueza é o da carne, desafiador de todas as maneiras ao estado do que é sempre pronto, o do espírito, em espírito, por espírito, “indimensão” do eterno, do infinito, ainda ali, num caminho de sofrimento, a figura do farsante, como a mostrar os dentes, às gargalhadas, confessando-se vencedor, como a dizer “*Eu não disse que és fraca, que és minha?*” Então, o clima romanesco, assim atrativo, como, aliás, todo o perigo das fraquezas de carne, passa e perpassa pelos estados fracos dos que não alcançam os olhos de espírito, em espírito, por espírito do “indimensionado” Getsêmani: “*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*”.

10.

CEGOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

1 - Salmos, 69, 9 Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim.

2 - João, 2, 17 E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorará.

3 - A partir dessas passagens da Palavra de Deus, pode-se dizer que Jesus, com o seu zelo, há de ser visto como um revolucionário?

Cegos, ante a condição essencial, divina, do ser humano *Jesus-tornado-Cristo* ou do *Cristo-assumido-em-Jesus*, plenamente, são todos aqueles homens-gênero que se detêm em apreciar o lado telúrico desse homem que, apesar daquela plenitude *crística*, ainda se apresenta pequeno, como não poderia deixar de ser, porque a carne, mesmo ressurrecta, ainda é continente pequeno para abrigar o eterno e o infinito da Toda-Poderosa *Divindade*, obviamente. Ficam, pois, como que perdidos e sem rumo certo esses que se entregam a demoradas considerações históricas, tradicionais, na vã tentativa de imprimirem importância maior a este lado, quando a *importância verdadeira* não tem lado, porque é justamente no eterno e no infinito do divino e do espiritualismo que esta se assume incomparavelmente essencial.

Os olhos de espírito em *Jesus de Nazaré* fizeram-no, em carne, sorrir a alegria de *Deus*, em ter este o seu *Unigênito* realizado, porque residido na sua criatura excelente, o homem, que tanto o decepcionara no *Jardim do Éden*, mas, agora, aquele homem, também um *Adão*, desta feita não pura e simplesmente com *Eva*, mas com uma *Eva de Magdala*, tinha transposto, em definitivo, a *desobediência* original causadora de todos os males do mundo em *obediência*. E, como se sabe, esses males foram inoculados por meio de disfarce em serpente

falante, com a qual *Lúcifer*, perdedor da batalha travada no *Céu*, com o Arcanjo *Miguel*, permanece, embora derrotado, acusando o homem de ser, por natureza, contra Deus.

A *Divindade*, misericordiosa, ainda bem, socorre aqueles cegos, toma-os pelas mãos, desde, porém, que aquela perda de tempo deles seja a da inutilidade pura e simples que seus esforços representam, *no* e *para* o mundo; porque *se* os seus esforços se prestam, exatamente, ao travamento de uma batalha contra o divino, de posição diametralmente contrária a ele, enfim é despiendo até dizê-lo, mas, em nome da melhor clareza, não custa dizer que os "*burros n'água*" são a inevitável consequência, para eles, coitados. Quem sabe - não o pode sentenciar este humilde escriba, mas a própria Divindade o pode - a negativa de qualquer farrapo de misericórdia para com eles seja mesmo inevitável....

Tenho por *zeloso* o meu *Jesus* histórico, mas *zeloso* para com os assuntos da *Casa de Deus*, sem nisso consistir qualquer sentido de tomada do poder que é próprio dos homens em sua organização social e política.

Não necessito, por isso, me deter em longas e cansativas incursões ditas históricas, em detalhes mínimos até, inclusive com defesa de teses para o mundo acadêmico. Isso é coisa que só faz distrair a atenção mais especial e importante que se deve ter para com o poder divino plasmado em *crísticidade* no todo que foi, é e continuará sendo a compleição física e psíquica do ser que habitou na Galileia (*Jesus*) e que, por revelação obtida a partir de (seus?) olhos de espírito, se antecipou ao eclodir *escatológico*. Essa antecipação o faz autoridade intercessora única perante a Divindade, para os que, tanto homens quanto ele, possam também, em olhos de espírito, assumir a dimensão do *crístico em si* ou do *si no crístico*, tal como o *Cristo-assumido-em-Jesus* ou o *Jesus-tornado-Cristo*. Certamente, ele foi, é e continua sendo o nascido de novo que, como o vento, não sabe para onde vem nem para onde vai (João 3, 8) e que conjuga, em si, o *Eu Sou*, aquele mesmo *Eu Sou* que falou com *Moisés* a partir de uma sarça ardente, no Monte Horebe (Êxodo, 3,4).

Tudo, pois, é tão simples, direto, sem complicações. Basta que se tenha a largueza de olhar que não deverá estar nunca nas orbitarias, como nas dos que se presumem estudiosos estimulados a exibirem suas teses e conclusões acerca disso e daquilo. Fico com o meu *Jesus* que ri em espírito, totalmente residido do *Eu Sou*, tendo dito palavras imorredouras a tantos ouvidos que persistem em permanecer fechados. Os que o podem ouvir são os que dele extraem o *pão da vida* que ele conjuga com *Eu Sou* (Eu sou o pão da vida - João 6, 48); são os que brilham como a *luz* que ele irradia junto a *Eu Sou* (Eu sou a luz do mundo - João 8, 12); são os que prestam atenção e o vivem na condição de *porta* em que se assumiu com *Eu Sou* (Eu sou a porta - João 10, 9)); são os que atentam e o aceitam na condição de *bom pastor* em que se assumiu com *Eu sou* (Eu sou o bom pastor); são os que guardam e vivem a *ressurreição e a vida* em que se assumiu com *Eu sou* (Eu sou a ressurreição e a vida - João 11, 25 e 26)); são os que seguem e não se distanciam dos limites do *caminho, da verdade e da vida*, em que se assumiu com *Eu sou* (Eu sou o caminho, a verdade e a vida - João 14,

6)); são, enfim, os que se organizam na condição de *videira* em que se assumiu com *Eu Sou* (Eu sou a videira - João 15,5).

Para tudo isso, enfim, descreia-se da "essência" com a qual possa parecer valioso todo o esforço humano, que está submetido aos caprichos do tempo e das circunstâncias deste mundo. Descreia-se, assim se diz, porque, de qualquer modo, é sempre bom que nos prevenamos quanto a tudo, pois só conhecendo é que assim nos acercamos de cautelas. Demo-nos ao labor de enfrentar longas e cansativas dissertações e narrativas e que, para isto, necessário é que se creia; mas um crer provisório, como provisórias são todas as coisas do mundo. Assim, vem, na sequência, a descrença que possa dar passagem à divina condição que é verdadeira e que é o que unicamente interessa. Mas essa passagem não tem, nesse conhecer provisório, a *conditio sine qua non* para o brilho do divino. Só mesmo os cegos que se deixam prender por esse tipo de conhecimento é que não o alcançam, seja porque ficam "atolados" na tolerante medida do Céu, seja porque essa tolerância possa não lhes acontecer por evidente estado de beligerância infantil que teimosamente os assalte...

Só assim, então, operam os olhos de espírito com o novo nascimento e o novo nascido, cujo *eu*, expressão divina em seu mais profundo interior, vai gozando a intimidade com *Eu Sou*, passando a não-ser, divinalmente, tanto quanto Ele, *pão da vida, luz, porta, bom pastor, ressurreição e vida, caminho, verdade e vida, videira* e muitas outras manifestações de *Eu Sou* das quais nos fala a Palavra, tudo isso sem nenhuma pretensão de carne, pois esta, sim, é quem costuma se demorar e se sufocar no *zelo* excessivo que a possa fazer destacada perante os homens.

Assim, bendito seja o *zelo* que se possa exercer, tal qual o exercido, em espírito, pelo *eu* residido em *Jesus de Nazaré*, como *Cristo*. Aos que esse tanto alcançarem, mesmo que sejam cegos fisicamente, veem, com certeza, a *luz* brilhante e inconfundível de *Eu Sou*, sem necessidade, pois, de pregar revolução. E aquele que, na seara do divino, a tanto se atreveu (*Lúcifer*) e teve por perda a batalha e foi precipitado para a Terra, onde continua acusando os homens de serem inimigos de *Deus*, tem nela, como protagonistas, os *Anás* e os *Caifaz* (pretensos aprisionadores de *Deus*); os *Herodes* e os *Pilatos* (aprisionadores de homens, enquanto na guerra matam e, na paz, lhes cobram extorsivos impostos); tem, também, os *Judas Iscariotis* (que traem); os *Pedros* (*que negam*); os *Paulos* (que criam e que endossam um sistema de morte vicária), quer sejam todos esses contemporâneos do *Jesus* histórico, quer sejam todos do dia presente e os de um futuro que se presume muito longo, todos, sem exceção, sendo como aqueles que dizem, em estudos profundos (para eles), que *Jesus* foi um zeloso revolucionário.

Que cegos!

11.

A VIA E O EU

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

**A via, eu a via;
ela havia e, inda hoje, há via.**

**Ah, vi-a, sim,
como via que há
em tanta via que há... via!**

Eu via.

12.

POR TANTO AMAR

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

I

O tempo,
esse pintor
e esse escultor.

O tempo
dá tempo
ao pintor
e ao escultor.

É Mestre de cena
que a todos acena
com a tinta das luzes
com a forma do tema.

Desenho que fica,
em singularidade de cores
em pluralidade de formas,
num sim dadivoso;
benditos favores
que nele adormece.

II

Ah, tempo,
as cores,
as formas
transformas.
Não deixes doídas,
sentidas de frio
as almas formadas.

III

**Cumpra então a jornada
e aplaude o passar,
festejando a conquista
do teu livre dar
e dá à mulher
mais cores e formas
de eterno passar.**

IV

**Conquista pra ela
um altar de cores
e formas de vida
perene e vazia
de dores,
de tantas que há.**

V

**É nele que hoje
o amanhã fortalece.
Deseja vitória
e mais do que glória.
Faz da cor a festança
e da forma a dança
de incessante agitar.**

VI

Ajuda à mulher, assim, a gritar:

*"sou feliz nesse altar,
ó crono bendito,
serena te vejo
passar sem passar
sobranceira dizendo
que sou parceira
e por isso não podes
impune passar".*

VII

**Ah, tempo, obrigado,
pois a mulher se planta
elegante e falante
na esquina sem pressa
em que mora e acontece
sua farta colheita.**

**E colhendo acumula
o brilho da Vida
vivida e sentida
de um gostoso lutar.**

VIII

**A ela, ó tempo,
lhe dás o sossego,
o apego e o desejo
tomada de ânimo
pra continuar.**

IX

**E feliz continuas, ó tempo,
e a mulher, também;
com os meus parabéns,
mulher,
é que te dou,
ó tempo,
esse meu decidido apreço,
por tanto amares
o sentido da Vida
no teu navegar;
tempo que dás,
por tanto amar!**

13.

COISA DE MENINO, PROVIDÊNCIA DO DIVINO

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Menino de cinco anos, em diálogo com o pai:

- Pai, Deus pode tudo?

- Sim, Deus pode tudo.

- Sendo assim, eu posso dizer que Deus pode dormir?

- Olhe, filho, aí eu vou ter que rever minha posição para dizer que Deus pode tudo, menos deixar de poder.

Do curto diálogo se extrai quão pequeno é o nivelamento da espiritualidade desse pai terreno, longe do contraponto do Pai Celestial, de tal modo a se embarçar ante a criança, seu filho, com pergunta de caráter marcadamente humano. Dormir é mesmo um ato humano, animal. Logo, em assim sendo, Deus jamais, em sua *“inexpressividade”* de *“eternidade”* e de *“infinitude”*, poderia dormir. Quem dorme é o homem. Até o homem Jesus, em sua vida terrena, dormiu. Sim ele foi humano. É certo que, ao haver nascido para o espírito, naquela porta de entrada que foi a sua vitória ante as tentações que teve no deserto, começou a se desligar da realidade puramente humana, para ser mesclado com a *“indimensão”* divina, tornando-se, pois, humano-divino ou divino-humano. Quando o seu humano assumiu, enfim, essa *“indimensão”* - e isso quando ainda era um vivo da vida e não necessariamente após sua morte física -, o verbo dormir, que expressa um estado humano, animal, deixou, obviamente, de se lhe aplicar, pois *“eternidade”* e *“infinitude”* não se podem resumir a tamanha pequenez: dormir. Tão verdade é o que se está a dizer, que, no Getsêmani, ele pediu aos discípulos que vigiassem e orassem com ele, mas logo percebeu que eles dormiam. Mas Jesus, não. Significa isso, pois, que, ali, naquele jardim, na quinta-feira, véspera de sua morte física, ele morto já se encontrava para a vida de *“vivo-de-sopro-de-Adão”*, mediante o nascimento do novo homem que se tornara, fazia já três anos! Esse seu estágio de uma sintonia cósmica estava em evolução tão intensa, que atingiu o máximo da espiritualidade na expressão *“Eu e o Pai somos um”*. Aquela onda de sofrimento, pela flagelação, pela coroa de espinho, pela crucificação, era, efetivamente, em sua carne humana. Contudo, inegavelmente, com o suporte da dimensão divina na carga máxima, pôde a tudo isso suportar. Então, não é que lhe tenha sido fácil suportar toda a maldade que se lhe aplicou, mas o Cristo *“indimensionado”* em sua carne, àquela altura plenamente tornada incorruptível, explica o desafio da ressurreição que resultou em túmulo vazio, marcadamente manifestada, pelo poder divino, em seu corpo humano, antes de ser vítima do maior dos crimes cometidos.

Deus não dorme, podemos dizê-lo, sem o embaraço daquele pai!

14.

**A TRAIÇÃO
DE JUDAS ISCARIOTES
POR FIDELIDADE(?) A UM PEDIDO
DO PRÓPRIO JESUS**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

- Ei, tu, Judas Iscariotes, que, no ontem, no hoje e - que lástima! - no futuro, o senso comum te tens como um traidor, um infiel, um que se fez do que nunca foi... um amigo...

Jesus, de pequeno, já foi em tudo diferente, porque, num Estado Teocrático, passando por um processo de invasão por um Estado bem mais poderoso, o Império Romano, que em tudo mandava e apenas consentia uma tolerância no campo religioso, permitindo que o Templo funcionasse, isto apenas por algum tempo, pois terminou por destruí-lo, inteiramente, como bem se sabe, como bem se sabe também que com isto se produziu a diáspora; foi judeu se espalhando para todos os lados, melhor dizendo, por muitos lugares, de perto ou de longe...

- Agora, em meus olhos de carne e em meus lábios também, fito-te, Judas, tu que me buscaste a mando dos Zelotes, com o fito de me matares, não me mataste, diretamente, mato-me eu, porque te escolho para ires ao Templo e dizeres, em alto e em bom tom, dizeres que, sim, eu é que sou o Messias, eu é que sou o Rei dos Judeus...

Essa a determinação que adveio dele, só dele, somente dele, ele enquanto carne tomada pelo despertar no espírito, em espírito, de espírito. A noção não somente nem a ciência e a consciência também não, mas a intuição tomada de poder de fricção, algo já material que impunha a insensibilidade da carne, porque esta integralmente substituída pelo sentimento de entrega de um amor exclusivo a Deus e a seus iguais, também e necessariamente.

Ali, naquela reunião, depois de dias de reclusão e de íntima conversa com Deus, onde a carne, sempre fraca, pediu que o cálice lhe passasse, porém em notória ambivalência, logo se recobrou e assumiu o definitivo papel de um obediente, de modo tal que bem valesse a vontade de Deus e nunca a sua, conquanto ainda se registre o recuo tardio do *“Por que me abandonaste, Pai?”* Entregou-se, pois, definitivamente e, com essa entrega, ali, na presença dos seus amigos, os apóstolos, ele sentiu a inclinação de Judas, que se aproximou dele e do grupo, falsamente, porque era um agente dos Zelotes e que perante estes havia assumido o propósito de matar a Jesus, isto já foi dito. Nunca que tivesse coragem para tanto. Buscava em Jesus o homem certo para o papel que os Zelotes queriam para o Messias, no ver deles o herói nacional que pudesse libertar os judeus do jugo dos romanos.

- Vai, Judas, vai. Vai ao Templo e diz ao Sumo Sacerdote, a todos de lá, enfim, que eu sou o Messias, que eu sou o Rei dos Judeus.

E Judas foi e cumpriu esse papel, defendendo o lado dos Zelotes, nunca o lado de Jesus, o de ser o Messias verdadeiro, o Filho de Deus, o que amou a Deus e aos homens e que atingiu, em espírito, por espírito a *indimensão* do céu, no eterno, que não tem fim, e no infinito, que não tem limites...

15.

NÃO HÁ DIA CERTO, NEM HORA, ANTE INFINITO E ETERNO (Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Marcos, 13, 32: Quanto ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

Ora, quem fala, no texto acima, é o Espírito Santo que, juntamente com o Filho e o Pai, formam a Trindade Onisciente, Onipresente, Onipotente. Contudo, o próprio Espírito Santo está se mostrando insciente, assim ele como o Filho, sobre o dia e a hora. Certo! Certíssimo! É que Onisciente, Onipotente, Onipresente, assim se *“inexprime”* Deus, Divindade. Tanto que está escrito, mas não é tão correto dizê-lo, que somente o Pai, Deus, a Divindade sabe acerca daquele dia e daquela hora. Aliás, há uma passagem em João que diz que o Pai é maior do que o Filho, basta ler João 14, 28, onde está dito assim, Jesus falando: "... vou para o Pai; porque o Pai é maior do que eu". No transcendente, eles seriam um, mas, no imanente, o Pai, Deus, a Divindade seria maior que o Filho, maior que o Espírito Santo. Ora, estes, o Filho e o Espírito Santo, são a forma de ser e a possibilidade de se expressar, respectivamente, que o Pai, transcendental, sem ex-istência, sem princípio e, nesse sem princípio, sem referência temporal, espacial, o Pai, que não as precisa ter, porquanto centro-estático-essencial, por certo se vestiu, por especiais humildade e amor, como se isso lhe fosse imprescindível, eis que guerra, no Céu, travada contra o Ele, provocada pelo mistério do mal que o seu Anjo íntimo, Lúcifer, deflagrou, Pai, representado, nessa guerra, por Miguel Arcanjo, que é o Cristo, o Filho, e guerra da qual Lúcifer e um terço dos anjos do Céu saíram dela perdedores e, na sequência, precipitados para a terra do mundo criado a partir dos *fiats* de Deus, o mesmo Deus que, ao colocar na terra desse mundo o homem, num paraíso, o fez a partir do barro da terra desse mundo, com o seu sopro, tornando-o alma vivente, neste ponto, entretanto, fazendo questão de exibir a manifestação não somente sua, mas a do Filho e a do Espírito Santo, pois não disse simplesmente *“faça-se o homem”*, mas *“ façamos o homem”* à imagem dele Deus. Está complicado? Pergunta boba, de quem tem trave nos olhos, pensando e admitindo que, por eles, há de enxergar certas verdades. Deus Espírito, nunca confundi-lo com Deus é Espírito, pois se há de O livrar de pequenez de imanência, com tamanho de homem, só que esse livrar não se há de referir a Ele, por *inex-istente*, ante infinitude e eternidade que O transcende e somente ante esse volátil imanente do mim dos meus nervos, dos meus músculos, dos meus ossos, das minhas glândulas, dos meus sentidos da visão, da audição, do paladar, do olfato, do tato, da imaginação e da memória pode-se fazer passar

livramentos de toda a ordem e, então, dizer e compreender essa linguagem nossa, humana, pequena, falha, que faz com que possamos expressar tamanhos dessa imanência que, por vezes, nos enganam, como o tamanho do universo, com os seus astros, todos eles, que a imaginação apenas se pode iludir em abarcá-los assim de uma vez. Então, Deus-Espírito-imanente, criador, é neles; já transcendente, não, porque “indimensionável”, inex-istente! Por isso, em transcendência, a onisciência, a onipotência, a onipresença, nunca por ser Deus maior, porque aí estava-se-Lhe conferindo tamanho, espaço, comprimento, largura, altura, profundidade! Tenha-se, pois, o padrão de maior apenas em expressão imanente, nunca na inexpressão transcendente. E o saber, a onisciência, como a onipotência e a onipresença jamais se expressam, prescindem de manifestação, como por exemplo as dos *fiats* tantas vezes incompreendidos. Portanto, para o transcendente não pode haver dia certo, só mesmo para a busca tímida e acanhada dos que, imanentes, se limitam a espaços e a tempos, nós, inclusive, esses humanos humildes de húmus com o sopro divino de alma vivente, assim limitados ao imanente.

16.

SEMPRE EM ESPÍRITO*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

“...Águas da espiritualidade a me molhar (se a tanto chegar) os tornozelos...”, hum, a se tomar como uma simples metáfora, trazendo o espiritual para o carnal, nem assim posso dizer “tudo bem” em relação à tentativa de humildade que assim se pretende transmitir; é que uma tal assertiva reclama prudência e muito cuidado, para não se admitir presunçoso acerca desse nível, mesmo pequeno (de espiritualidade), que se possa ter. É que espiritualidade é bondade e graça dos céus que permite reintegrar-se ao Eu (divino) em nós, em recuperação ante queda por influência de carne; nunca à carne; e, pior, quando esta se deseja representar e limitar nos ou pelos...tornozelos. Valha-nos, mesmo, a tal expressão, como socorro à pobreza de uma carne. Porque, quando os céus querem, querem-nos em espírito, por espírito, como naquela promessa que, para o Eu do seu si de carne, meu amigo que me lê, desejo os céus inundando-o plenamente: *“Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis”* - Ezequiel, capítulo 36, versículos 25, 26 e 27. Em espírito, de espírito, por espírito, excluídas, anuladas, extintas, inclusive estas expressões, como assim as da citação bíblica acima posta, meras formas linguísticas de entendimento, porque, no espiritual, é no intuitivo conhecer das respostas de Deus que se prossegue a *indimensão* do eterno e do infinito, estes contrapostos não direi, mas essenciais em si mesmos, enquanto, acidentais, passamos a chuva da existência limitada e finita...em carne. Ah, e para finalizar, ainda Ezequiel, no Capítulo 37, 1 a 10: *Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então, me disse: Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor. Então, profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboliço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem; então, o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo”*. Por certo, essa graça só por espírito, em espírito se operará. É a espiritualidade em grau de ressurreição de “mortos” das ilusões do mundo, sem túmulo, que “vivem”! Essa graça de espiritualidade nos ajudam compreendê-la não digo, mas intui-la na direta permissão de Deus, cujo coração de bondade sempre quer, nos ajudam - vínhamos dizendo - os ditos proféticos, mas é a palavra de amor do Cristo que os abarca e que é central, essencial e permanente, frente a esses ditos proféticos periféricos, acidentais, não-permanentes. Portanto, águas metafóricas molhem em espírito, de espírito, por espírito; Deus é bom

17.

NUM REINO QUE SE NÃO FINDA JAMAIS
(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Este mundo, mundo de ilusões, passa, e permanece em eternidade e em infinidade o centro-estático-essencial, Deus, que ri, divino riso ri do que ele se propôs por amor a, mediante palavra, criar, simples e poderosa palavra criar, sem, com isso, ao menos pretender desapontar aquele poderoso e infeliz anjo perdedor de uma guerra, no céu, que a ele Deus se pretendeu igualar, coitado, justamente esse coitado Maligno (maiúsculo) que está no mundo, que é mundo, intrínseco a ele mundo, que está no meu mim de carne, de músculos, de nervos, de ossos, não por desapontamentos deliberados, insiste-se em afirmar, pois a estes não se entrega nem se entregaria jamais Deus, por que os admitiria assim? Então, o riso não é nem poderia ser de deboche, nem mesmo é riso como o riso humano que precisa de nervos e de músculos para se ativar e se mostrar belo e atraente, ou sarcástico, distante estando, sem a distâncias submeter-se, eis que, eterno e infinito, ri em constância, embora, em prolongado disfarce, venha o Maligno (maiúsculo) enganando nosso pobre riso e amarelo sorriso, só não enganando a risos como o de Sara (Gênesis, Capítulo 18, versículo 12) e o de Abraão (Gênesis, Capítulo 17, versículo 17) e o riso de Maria, também (Lucas, Capítulo 1, versículo 38), esta com o “faça-se em mim segundo a palavra”. A estes, os pôs em linha de eternidade e de infinidade, de tal sorte que se não escravizam e não sabem nem vivem o que é hoje, nem o que foi ontem e nem o que será amanhã. Coitado do Maligno (maiúsculo) - proclamo mais uma vez - hoje já preso pelo rabo por Cristo manifesto num nazareno (desculpem a chula expressão), mas nós, os habitantes do derredor do jardim onde aquele Maligno (maiúsculo) “deitou e rolou”, e fez o mundo enganado quanto a ser ele mundo do tal Maligno (maiúsculo) e não de Deus e nós perdemos o paraíso, acreditando que o comer do fruto da árvore do bem e do mal não nos levaria à morte, que tolos foram, que tolos somos! E o mundo se extinguiu para o maligno (agora já minúsculo), enquanto o venceu o Cristo plenamente assumido no jovem de Nazaré. Mas e nós? Os em eternidade e em infinidade, melhor explicando o constante no versículo 11 e seguintes do Capítulo 37 de Ezequiel, por amarem como Cristo ama, nesse agora de sempre *crístico*, por exclusiva vontade divina, traspassam, já, a promessa (Ezequiel, mesmo Capítulo, versículos 1 a 10 - leiam e releiam!), que assim como prometido não mais é, pois o que ontem foi, o que hoje é e amanhã será como ossos e carnes e nervos e músculos, ser não mais os são, nunca os foram, nem nunca serão. Ossos sequíssimos dos quais provém barulho que ouvido de carne não ouve, barulho esse da junção natural de um a outro daqueles ossos nunca secos, em verdade, mantidos na cobertura por carne, nervos e músculos, enfim por pele e logo um exército se forma. Passageiro que deixou de sê-lo, retoma a essência e permanece central, estático, essencial, como Deus, infinito, eterno, enquanto o maligno (agora já minúsculo) vai derretendo até finir-se em cenário escatológico. Isto zomba do maligno (agora já minúsculo), porém com todo o respeito que o seu poder de preso ainda pode exhibir e prova que o mundo não é propriedade exclusiva dele, pois Deus o criou (criou o mundo) e o vence, pelo Filho, com arma que fere cabeça do mal, enquanto este estrebucha e o tanto que

pode fazer é apenas ferir calcanhares. A vontade não minha, mas a vontade de Deus entregou ao Filho a luta que ele trava contra o maligno (agora já minúsculo), este podendo ferir ponto não mortal apenas, mas o Cristo fere a cabeça, como já dito e não custa repetir e, mesmo assim, apenas o pode prender, como efetivamente preso ante o não-ser poderoso do Cristo, que só ele Cristo permite, por sua vontade, que, nesse não-ser poderoso, cada um de nós habitantes do derredor do jardim possamos também prendê-lo e assim o manter, até que consumados os séculos, tudo isso porque, nessa permissão e vontade, ele se compraz em um amor nosso bem na conformidade daquele que ele próprio viveu, num Reino que se não finda jamais.

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentam, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.